

Observação, teorização, experimentação e interpretação: gestos metodológicos em pesquisa sobre midiatização em debate

Moisés Sbardelotto¹

Resumo

O artigo propõe algumas pistas de reflexão sobre procedimentos científicos em Ciências da Comunicação a partir de duas contribuições centrais: de Marre (1999), com a sua dialética ascendente e descendente; e de Peirce (1970) e seus seguidores, com os seus conceitos de dedução, indução e abdução. Reconhece-se a centralidade de passos metodológicos como observação empírica, teorização, experimentação científica e interpretação. A partir de um caso específico, no âmbito dos processos comunicacionais de midiatização da religião, reflete-se sobre a construção de um problema de pesquisa, que se afaste das possibilidades de explicação do senso comum e da opinião pública. Por fim, conclui-se que o processo abduutivo perpassa toda a pesquisa, introduzindo novas ideias na ciência.

Palavras-chave: Metodologia. Dedução, Indução, Abdução. Dialética Ascendente e Descendente. Midiatização. Religião.

Abstract

The paper proposes some ideas for thought on scientific procedures in Communication Sciences from two central contributions: Marre (1999), with its ascending and descending dialectics, and Peirce (1970) and his followers, with the concepts of deduction, induction and abduction. It recognizes the centrality of methodological steps as empirical observation, theorization, scientific experimentation and interpretation. From a specific case, it reflects on the construction of a research problem, which departs from the possible explanations of common sense and public opinion. Finally, it is concluded that the abductive process permeates all research, introducing new ideas in science.

Keywords: Methodology. Ascending And Descending Dialectics. Deduction, Induction, Abduction. Mediatization. Religion.

Introdução

Há diversas metodologias multidisciplinares para análise dos fenômenos de midiatização. Os percursos metodológicos para a descrição dos fenômenos midiáticos também são diversos. Hoje, com o desdobramento cada vez mais acelerado do processo de midiatização das sociedades contemporâneas, o desafio do encaminhamento

¹ Jornalista, doutorando em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e colaborador do Instituto Humanitas Unisinos (IHU). Bolsista do CNPq. E-mail: msbardelotto@yahoo.com.br

teórico-metodológico da pesquisa se torna mais complexo e urgente.

Algumas pistas de reflexão sobre procedimentos científicos em Ciências Sociais foram propostos por diversos autores e com diversos objetivos. Vemos que o processo, em geral, envolve passos como a observação empírica, a teorização, a experimentação científica e a interpretação. É bom enfatizar que falamos de um trabalho de pesquisa que traz consigo ações e decisões de um cientista, e não meramente de um “pesquisador”.

Todos nós reconhecemos que no sistema capitalista de configuração global, a ciência se constrói a reboque da tecnologia. Parece que a sociedade moderna está derrubando todo vestígio de encantamento que a descoberta científica pode conceder reduzindo a atividade do cientista a uma busca pela técnica, ou como se diz ultimamente, pela inovação. Não é sem consequência que os órgãos de financiamento da pesquisa fundamental, como o CNPq e o Ministério da Ciência e Tecnologia - MCT em geral, estejam mais do que nunca utilizando o termo ‘pesquisador’ ao que antes se conhecia pelo termo ‘cientista’. Essa mudança de terminologia não é ocasional nem sem consequências. Ela traz em si a ideia de que o pesquisador se lança em uma busca para resolver um problema conhecido. Ou seja, temos a priori um problema. Resta então encontrar sua solução. A orientação do cientista é distinta. Ele procura produzir um problema, mesmo ali onde o conhecimento parece ser estável e seguro. Produzir instabilidade no sistema de conhecimento: essa é a função fundamental do cientista” (NOVELLO, 2009, s/p, grifos nossos).

O desafio está lançado, e o assumimos como central no contexto atual das pesquisas em Comunicação: construir problemas de pesquisa para o desenvolvimento da ciência, com incidência social; e não apenas responder a perguntas técnicas para possibilitar a inovação tecnológica.

O que temos em nosso horizonte, portanto, é que os estudos em Ciências da Comunicação e, portanto, em Ciências Humanas e Sociais visam a estudar “o ser humano em grupo e em interação”, embora reconheçamos que, como cientistas sociais, também somos seres humanos em grupo e em interação estudando outros seres humanos em grupo e em interação, ou seja, “uma subjetividade estudando outras subjetividades, com todas as problemáticas e dificuldades que isso acarreta” (GOMES, 2011, p.5). Por isso, refletir sobre nossos gestos metodológicos nos ajuda a tomar consciência dos desafios, dos limites e das possibilidades do que fazemos quando “fazemos pesquisa”.

Dentro dessa proposta, neste artigo, buscamos compreender a pesquisa científica a partir de duas contribuições centrais: de Marre (1999), com a sua dialética ascendente e descendente; e de Peirce (1970) e seus seguidores, com os seus conceitos de dedução, indução e abdução. Partimos de nosso caso de pesquisa atual – a circulação e a reconstrução do “católico” no fluxo comunicacional das redes sociodigitais –, para refletir justamente sobre a construção de um problema de pesquisa científica, que

problematize e complexifique as possibilidades de explicação do senso comum e da opinião pública, em busca da solução de um problema para o desenvolvimento do conhecimento atual. Em seguida, analisa-se a *dialética ascendente* (do objeto empírico ao quadro de hipóteses teóricas), entendida também como o desencadeamento de *processos dedutivos* de pesquisa. Depois, examina-se a *dialética descendente* (da elaboração teórica à verificação empírica), entendida também como o desencadeamento de *processos indutivos* de pesquisa. Por fim, conclui-se que o processo abdutivo perpassa toda a pesquisa, introduzindo novas ideias na ciência.

O caso: dos indícios e perguntas preliminares ao problema de pesquisa

Ao falarmos de percursos metodológicos para a descrição dos fenômenos midiáticos, o primeiro passo “metodológico” é a própria sensibilidade da vida cotidiana. Nosso problema de pesquisa nasce, principalmente, de algo que nos afeta e que observamos em nosso *mundo vivido*. Vemos pistas, sintomas, indícios, signos, marcas, traços, rastros de algo que pede uma explicação, de uma *regularidade inesperada* ou da ruptura de uma *regularidade esperada* (cf. NUBIOLA, 2009) que nos geram perguntas.

A partir disso, criativamente, podemos ter uma intuição (*insight*), ou seja, “a ideia de relacionar o que nunca antes havíamos sonhado relacionar, o que ilumina de repente a nova sugestão diante da nossa contemplação” (PEIRCE apud NUBIOLA, 2009, s/p)². Assim, graças ao nosso “faro, golpe de vista, intuição” (cf. GINZBURG, 1989), mas também por meio de “hipóteses prospectivas” (cf. BRAGA, 2011), passamos ao nosso mundo pensado – e falamos de “nosso” *mundo pensado* justamente porque a construção das possíveis respostas é em grande parte subjetiva e irá mudar consideravelmente sob outros pontos de vista.

Nosso mundo pensado gera hipóteses para explicar o que vemos em nosso mundo vivido: assim tem início o processo abdutivo. “A hipótese se dá quando encontramos alguma circunstância muito curiosa [no nosso mundo vivido], que se explicaria pela suposição de que fosse um caso de certa regra geral [criada em nosso mundo pensado], e em consequência adotamos essa suposição” (PEIRCE, 1970, p.3). A regra geral, portanto, é uma suposição, que, porém, adotamos como explicação.

Como exemplifica Eco (1983, p.225), ao vermos sobre uma mesa um prato com atum em conserva e, perto dele, uma lata aberta de atum, a hipótese é “*quase* automática: é, porém, o *quase* que ainda faz desse raciocínio automático uma hipótese”. É por isso que a abdução “não é mais nem menos do que adivinhar (*guessing*)” (PEIRCE apud NUBIOLA, 2009, s/p). E é mediante esse processo, em termos científicos, que podemos propor “matéria nova para o banco de testes da experimentação”

² Todas as citações de obras estrangeiras neste artigo são de tradução do autor.

(BONFANTINI & PRONI, 1983, p.137).

Então qual foi o “prato com atum em conserva” ou a “lata de atum aberta” que vimos em nosso mundo vivido? Eis o nosso “caso”.

Simplificadamente, podemos dizer que, em redes sociais digitais como Twitter e Facebook, percebemos que a temática religiosa – especialmente católica – é constantemente trazida à tona pelos usuários e pelas instituições ali presentes. E esses elementos religiosos que permeiam as conversações são livremente ressignificados, publicamente, por cada indivíduo, sem passar pelo crivo institucional das Igrejas. De um modo mais complexo, é possível dizer que, hoje, as redes sociodigitais são ambientes online de sociabilidade, em que se manifestam intensas trocas comunicacionais, atemporais e aespaciais, entre internautas. Nesses ambientes, a vida social encontra-se em constante pulsação a partir das conversas sobre “o que está acontecendo”³. Nessas interações sociais tecnologicamente mediadas, as práticas culturais da sociedade trazem consigo lógicas midiáticas, que envolvem também o vasto âmbito social do religioso e instituições sociais como as Igrejas. Assim, o religioso passa a circular nos meandros da internet, por meio de uma ação não apenas do âmbito da “produção” eclesial, mas também mediante uma ação comunicacional dos inúmeros pontos das diversas redes sociodigitais, que *falam sobre* o “religioso” – em um processo simultâneo de “procepção” (produção-recepção) ou “prossumo” (produção-consumo). Em nosso caso específico, interessamo-nos por uma faceta desse religioso, a saber, o “católico”⁴, ou seja, construtos simbólicos que a sociedade como um todo considera como relacionados às crenças e às práticas da Igreja Católica.

Dessa forma, não apenas as instituições eclesiais, nem somente as instituições midiáticas, mas também a sociedade em geral, nos mais diversos âmbitos da internet, *falam sobre* o “católico”. E cada “ponto” reconstrói esses sentidos, desloca esses discursos, refaz essas práticas. Assim, ressignificam-se socialmente as crenças, as práticas e os discursos católicos no processo de mediação.

Como vimos em nossa pesquisa anterior (SBARDELOTTO, 2012), o “Verbo” se faz bit: inúmeros serviços religiosos online hoje oferecem possibilidades para a prática religiosa fora do âmbito tradicional do templo, e a internet passa a ser também uma ambiência social de vivência, prática e experiência da fé. Porém, para além desse fenômeno, o “Verbo” também se faz rede – e, portanto, circula, flui, desloca-se pelos meandros da internet por meio de uma infindável construção simbólica de instituições,

³ Em duas das principais redes sociodigitais, o Twitter e o Facebook, essa expressão encontra-se *ipsis litteris* em suas páginas principais. O Twitter afirma: “Bem-vindo ao Twitter. Descubra o que está acontecendo, agora mesmo, com as pessoas e organizações que lhe interessam” (grifo nosso). Já no Facebook, o usuário se depara com a seguinte pergunta: “O que está acontecendo, [nome do usuário]?”.

⁴ O interesse pelo “católico” em nossa pesquisa se deve à relevância sócio-histórico-cultural da Igreja Católica no Brasil. Segundo o IBGE, com dados do último Censo, os católicos ainda são a maioria religiosa do país, com 64,6% da população em 2010. Dados disponíveis em: <http://migre.me/ddYsQ>.

coletivos e usuários.

Esse cruzamento de sentidos fomenta o surgimento de um “novo” catolicismo – marcadamente midiaticizado –, fenômeno que ocorre a partir de uma *sociotecnidade* específica da contemporaneidade, a saber, as redes sociodigitais, que manifestam de forma bastante evidente a relação sociotécnica no que tange à midiaticização, expandindo as práticas comunicacionais e diluindo as lógicas midiáticas por todo o corpo social.

Portanto, para além da experiência religiosa (como os rituais online analisados em nossa pesquisa anterior), interroga-nos agora a *experimentação religiosa* difusa nas redes digitais. Para além do caráter privado da fé online, interroga-nos também o *aspecto público* do fenômeno religioso em suas manifestações comunicacionais digitais. Para além de uma prática ritual de fé, interrogam-nos também as *práticas sociocomunicacionais de religião* e também *sobre a religião*.

Vemos que esse cruzamento de discursos colabora para a reconstrução do “católico”, ou seja, da *imago publica* do catolicismo. Portanto, nosso problema de pesquisa é examinar como se dão os processos de circulação e de reconstrução do “católico” no fluxo comunicacional das redes sociodigitais. Ou seja, analisar as processualidades comunicacionais (interações, dispositivos, protocolos, dinâmicas, lógicas etc.) que estão implicadas na ressignificação social do “católico” nas interações sociais na internet.

Ao longo de sua construção, nosso caso de estudo encontra-se em pleno fluxo de ideias iniciais, fugazes, fluidas. Ao longo dos primeiros passos de pesquisa, alguns pontos vão encontrando sua especificação e sedimentação. “A construção do objeto requisita sensações, construção de percepções primeiras, fundamentais para criar uma crença sobre o que está em discussão” (FERREIRA, 2012, p.5).

Uma questão, porém, que pode nos confrontar nesses primeiros momentos é a da importância e da necessidade social de um estudo como esse. Em termos mais simplórios, por que esse caso? Para que tal pesquisa?

Primeiramente, é preciso reconhecer que a escolha de um tema traz embutada em si mesma os valores mais íntimos da personalidade, da história e das relações sociais do pesquisador. Dessa forma, “a escolha do tema se faz porque está relacionada com um sistema de valores e com as convicções últimas do indivíduo que o escolhe, e é assim que adquire um significado valorativo determinado” (MARRE, 1999, p.10).

Por outro lado, “objetos sociais aparentemente insignificantes [como talvez poderia ser a circulação do “católico” nas redes sociodigitais] podem tornar-se problemas e objetos científicos importantes a serem construídos” (MARRE, 1999, p.10). O importante, em termos de pesquisa, é “construir objetos socialmente insignificantes em objetos científicos ou, o que é o mesmo, [...] reconstruir cientificamente grandes objetos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto” (BOURDIEU apud MARRE, 1999, p.10).

Por se enquadrar nas Ciências da Comunicação e, portanto, nas Ciências

Humanas e Sociais, nossa pesquisa visa a estudar “o homem interagindo em grupo”, embora reconhecamos que, como cientistas sociais, somos “uma subjetividade estudando outras subjetividades, com todas as problemáticas e dificuldades que isso acarreta” (GOMES, 2011, p.5). Por outro lado, ao buscarmos analisar uma ação social e midiática de construção do religioso, devemos reconhecer que, assim como qualquer grupo social não é um mero agregado artificial, o desafio de pesquisa é compreender não apenas os indivíduos isolados em suas microações comunicacionais singulares, mas sim a emergência de um fenômeno mais amplo (social), de escala macro, que constitui o tipo de objeto que deve ser reconhecido pelo cientista social. Ou seja, uma *complexidade*, que se manifesta na “diversidade na unidade”, nas “formas de inter-relação cada vez mais flexíveis, dos polissistemas cada vez mais ricos e emergentes” (MORIN, 2008, p.143). É por isso que o desafio de pesquisa é não isolar a coisa a fim de entendê-la, mas colocá-la no contexto de um todo mais amplo, buscando compreender suas inter-relações. Busca-se pensar uma circularidade autoprodutiva: “Somos [...] produtos e produtores no processo da vida. [...] Produzimos a sociedade que nos produz” (MORIN, 2003, p.17).

Para Gomes (2011, p.8), “o estilhaçamento do conjunto macrossocial em fenômenos microssociais criaria um fracionamento das conclusões teóricas. Sendo o conjunto social complicado e sistêmico, é impossível ser percebido por um estudo das molecularidades da sociedade”. Por isso, na construção de nosso caso, como em outros semelhantes, é preciso observar o todo em suas inter-retro-relações para poder compreender o fenômeno social na sua totalidade, pois “as propriedades dos macrofenômenos carecem de uma explicação em termos de seus microcomponentes” (Ibid.). Esses macrofenômenos, em certa medida, são “autônomos, regido[s] por seu próprio modo de funcionamento, que não se poderia deduzir do conhecimento de seus componentes” (GAETA apud GOMES, 2011, p.9).

Ao lidar na interface entre mídia e religião, uma tentação bastante forte é fundamentar nosso estudo com todo o arcabouço teórico-metodológico do campo teológico, sociológico, das ciências da religião etc. Porém, como indica Braga (2012), é preciso tomar distância dos interesses das demais disciplinas – no esforço de não se deixar afetar pelas suas questões centrais, embora recorrendo a elementos dessas outras ordens – e tentar encontrar o específico da Comunicação, percebendo os fenômenos “pelos ângulos em que podem fornecer aportes significativos para *questões propriamente comunicacionais*” (BRAGA, 2010, p.82).

Por isso, o autor sugere um conceito central para o trabalho teórico da pesquisa em Comunicação, a saber, a noção de *desentranhamento*: “Gerar questões mais próximas do fenômeno comunicacional, tentando desentranhá-lo das preocupações que determinam o olhar nas demais disciplinas estabelecidas” (BRAGA, 2010, p.82).

As questões comunicacionais, segundo Braga (2010, p.84), devem ser buscadas

principalmente nos “fenômenos empíricos ‘em situação’, por guardarem sua complexidade interacional, sem reduções apriorísticas”. Portanto, além de conhecer o “produto”, também é preciso conhecer as *descontinuidades* em que ele foi produzido e desvendar o *continuum* das práticas envolvidas em sua produção. É esse olhar que faz avançar os conhecimentos específicos sobre o objeto, mediante um trabalho abduutivo a partir de inferências teórico-metodológicas. Ao localizarmos um nível de “desordem” na sociedade – por exemplo os novos processos religiosos midiáticos –, buscaremos contemplar nas questões sobre o nosso caso justamente aquilo que não se compreende. Ou, inserindo-nos em um campo discursivo já estabelecido e compartilhado em termos de problemas e temas, o desafio será procurar uma diferença em relação ao tema que se repete.

Contudo, por compartilharmos interesses com demais cientistas, não estaremos construindo um objeto científico em si mesmo, isolado, mas sim “dentro de um sistema de relações e de conceitos teóricos” (MARRE, 1999, p.2). Isto é, partimos de um “capital cultural assimilado”, pois não partimos do nada, e nos inserimos “numa história que já produziu seus frutos científicos com os instrumentos e as técnicas da sua época” (MARRE, 1999, p.9). Ou seja, a produção científica é marcada por sua inserção em conjunturas, contextos e culturas específicos, que incidem sobre a prática científica, colocando em relação uma rede de agentes, como teorias, métodos, autores, leitores etc. Em suma,

Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. [...] A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. [...] Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é coautor. Porque cada um lê e relê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita (BOFF, 2012, p.15).

Por isso, a pesquisa vive na tensão entre subjetividades e objetividades, individualidades e coletividades, especificidades e generalidades. Nessa construção científica, para evitar enviesamentos ou pré-conceitos, é preciso atentar para os três conceitos básicos de Bachelard (cf. MARRE, 1999): a *dúvida* sobre todo o processo de construção científica; o erro que sempre existe e deve ser percebido; e a *retificação*, vencendo os erros encontrados durante a construção e reconsiderando nossas escolhas e decisões de pesquisa.

A partir desse contexto, partimos agora para uma análise sobre a construção do objeto em dois passos, ou uma dupla dialética, conforme sugerida por Marre (1999): uma *dialética ascendente* (do tema empírico ao quadro de hipóteses teóricas), que pode ser entendida como o desencadeamento de *processos dedutivos* de pesquisa; e uma *dialética descendente* (da elaboração teórica à verificação empírica), que pode ser entendida como o desencadeamento de *processos indutivos* de pesquisa, como veremos a seguir.

Processos dedutivos: uma análise dos contextos teóricos em tensão

O processo de construção do caso envolve um *desentranhamento* do objeto, uma *ruptura* com o senso comum e com a opinião pública (os objetos científicos são diferentes dos temas sociais), e também uma *diferenciação* diante das perspectivas dos demais cientistas e pesquisas (os objetos científicos devem se diferenciar entre si). Portanto, embora partamos da observação imediata do nosso próprio cotidiano, da nossa sensibilidade diante da realidade, para que nossos gestos tenham valor científico, é preciso “introduzir no modo de observar *um ponto de vista teórico*, que modifica substancialmente a percepção e a constituição do conteúdo empírico do objeto a ser investigado” (MARRE, 1999, p.12, grifo nosso). Essa teorização, para o autor, é uma ação *ascendente* (dos objetos às teorias) da dialética proposta. Ou, em termos peirceanos, trata-se de processos *dedutivos*, ou seja, da “aplicação de regras gerais [teorias, conceitos] a casos particulares” (NUBIOLA, 2009, s/p).

A abordagem teórica se faz necessária para a existência de ciência, propriamente dita. “Não somente as experiências válidas são fundadas sobre uma teoria, mas os meios que permitem de realizá-las não são eles mesmos nada mais senão uma teoria encarnada” (KOYRÉ apud MARRE, 1999, p.13), ou uma teoria materializada (BACHELARD apud MARRE, 1999), ou ainda uma “teoria em ato” (BOURDIEU apud MARRE, 1999).

Portanto, a “subida” da dialética ascendente e os processos dedutivos a ela intrínsecos iniciam com a introdução de um ponto de vista teórico no processo de construção do objeto. Problematiza-se a observação imediata do senso comum ou da opinião pública – por exemplo, o fato de que pessoas “conversam” sobre religião nas redes sociais digitais – e busca-se, qualitativamente, um novo modo de perceber o fenômeno. “Não se veem as mesmas coisas no fenômeno observado, se essa observação é feita a partir da observação imediata ou a partir de um ponto de vista teórico” (MARRE, 1999, p.13). A perspectiva teórica, por conseguinte, “modifica sensivelmente o conteúdo e as propriedades que se devem observar no tema escolhido” (Ibid.).

Assim, retomando nosso caso, não se trata apenas do fato de perceber que pessoas “conversam” sobre religião nas redes sociais digitais: mas sim a percepção da reconstrução do “católico” (da *imago publica* do catolicismo) e de um processo de circulação de sentidos do “católico” no fluxo comunicacional das redes sociodigitais. Esse deslocamento na observação só foi possível mediante a introdução de um ponto de vista teórico. Isso se manifesta, em nosso caso, em conceitos específicos como “construção”, “construto”, “circulação”, “fluxo comunicacional”, “redes sociodigitais”, “práticas comunicacionais”, “lógicas midiáticas”, “mediatização”, e toda a perspectiva teórica que subjaz a cada um desses conceitos. A partir dessa perspectiva teórica, foi possível dar um grande salto qualitativo na percepção de algo corriqueiro (pessoas

conversam em redes sociais online) para entrever algo de mais profundo e complexo em termos sociocomunicacionais.

Porém, essa introdução de um ponto de vista teórico e de seus conceitos não se faz automaticamente. Os autores concordam que essa apropriação, ao envolver um ponto de vista teórico, é (ou deve ser) marcada por um ponto de vista *teórico específico*: a saber, o do cientista. É este, em última análise, que decide o que olhar, amparado pela teoria, e que “dialoga” com seus pares de forma crítica.

Se a dialética ascendente e os processos dedutivos envolvem a inserção do cientista em uma tradição teórica, isso deve ocorrer com “deslocamentos de conceitos e técnicas” (MARRE, 1999, p.32). É o que Braga (2010) chama de *acionamento das teorias*. Para o autor, as teorias são levadas pelos cientistas a “uma ação prática sobre materiais e fenômenos *que resistem* (e por isso mesmo são investigados)” (Ibid., p.85). Acionar teorias não significa meramente “aplicá-las” sobre o objeto, mas sim encaminhar as teorias para uma *ação específica* que interessa ao cientista, que, afirma o autor, “não é a de ‘explicar a realidade’, mas sim a de fazer-lhe perguntas, dirigir o olhar indagador” (Ibid.).

Assim, nas tensões entre a teoria original e seus desdobramentos a partir de confrontos com um novo objeto, “um novo tipo de racionalidade emerge, que retifica o anterior, o purifica dos seus aspectos ou cumplicidades imaginárias” (MARRE, 1999, p.5). Mas não é apenas a teoria que é impactada pelos confrontos com novos objetos, mas também o cientista, “reaprendendo a pensar a partir de novos atos e limiares epistemológicos” (Ibid.). É essa *subdialética* da dialética ascendente entre teoria-novo-objeto que possibilita o refinamento progressivo de um conceito ou sua racionalidade crescente e, além disso, a ampliação de seus diversos campos de constituição e de validade, de suas regras sucessivas de uso; afinal, a teoria havia sido pensada para uma “Condição 1” e agora está sendo confrontada, tensionada, deslocada para uma “Condição 2”, imprevista em sua concepção original.

Como indica Marre (1999, p.7), “o compromisso do cientista com a descontinuidade, rupturas, recriações ou transformações conceituais é, na verdade, um compromisso com a trajetória da experiência científica”. Portanto, em nosso caso de pesquisa, o que temos, muitas vezes, é uma apropriação de teorias diversas para o contexto comunicacional (e não mais econômico, político, antropológico, teológico...). É esse desvio, essa descontinuidade, essa ruptura que possibilita não apenas uma compreensão científica de nosso objeto, mas também o desenvolvimento, em última instância, da própria ciência, com a colaboração, também, de nossos pequenos esforços. Como indica Ferreira (2011, p.82, grifo nosso), o método é justamente “uma operação de distinção entre *reprodução e construção social* do conhecimento”.

Assim, após “ascender” ao ponto de visto teórico, é preciso equilibrar o processo com o gesto de “descender”, segundo a proposta de Marre (1999). Isso significa colocar em ação, em gestos operacionais e metodológicos indutivos, o arcabouço teórico apropriado.

Processos indutivos: entre materiais, categorias e metodologias de análise

Na construção do caso, após a observação de algo no mundo vivido que nos questiona e a introdução de um ponto de vista para a construção do objeto científico a partir de um problema de pesquisa, é preciso “transformar o problema formulado em uma sequência de atos operacionais, de tal forma que se permita a concretização e a viabilidade empírica da investigação” (MARRE, 1999, p.19). Trata-se da experimentação. Mas não são gestos completamente separados: as técnicas e os métodos experimentais são, como vimos, “teoria materializada” (BACHELARD apud MARRE, 1999) ou “teoria em ato” (BOURDIEU apud MARRE, 1999), manifestadas em uma série de atos epistemológicos.

Conforme Bourdieu (apud MARRE, 1999, p.20), “não se pode reencontrar o concreto combinando duas abstrações”: ou seja, a ação científica não pode ser meramente um gesto abstrato de evocação e aprofundamento de conceitos. A teoria se materializa concretamente em *atos de pesquisa*, “capazes de apreender a realidade empírica que o quadro de relações teóricas sugere” (MARRE, 1999, p.20). Primeiramente, vemos algo do mundo (pessoas “conversam” em redes sociais digitais); então o revemos a partir do ponto de vista da teoria (há processos sociais e comunicacionais mais amplos que perpassam essas simples “conversas”); em seguida, articulamos técnicas de codificação desse algo a essa teoria, de modo a tornar o próprio processo de codificação em uma teoria em ato (cf. MARRE, 1999).

“Se eu raciocino, [...] eu experimento. Se eu experimento, eu raciocino” (BACHELARD apud MARRE, 1999, p.30). Trata-se, portanto, de uma *dialética descendente* por se encaminhar das teorias aos objetos. Ou, em termos peirceanos, trata-se de *processos indutivos*, ou seja, “a inferência de uma regra geral a partir de um caso e de um resultado” (NUBIOLA, 2009, s/p). Assim como um objeto observado diretamente só pode ser entendido cientificamente pela introdução de um ponto de vista teórico, e cada ponto de vista teórico permite a construção de problemas diferentes, “as visões sobre determinados objetos podem variar, de um método para outro. Apesar de o objeto dizer alguma coisa, *o método é a leitura que se faz desse objeto*” (GOMES, 2011, p.2, grifo nosso), possibilitada pela perspectiva teórica. Assim como cada perspectiva teórica possibilita ver coisas diferentes em um mesmo objeto, cada objeto também demanda um método específico.

Em termos gerais, busca-se, portanto, uma “sistematização coerente de determinadas características do processo ou dos processos empíricos estudados” (MARRE, 1999, p.21). Segundo o autor, isso se dá através da *diversificação* da amostra analisada (observar um universo diversificado e complexo de relações) e, a partir daí, da *saturação* de seus elementos (observar relações que se repetem e, portanto, manifestam determinadas lógicas). Despontam, nesses casos, padrões comuns, tendências

constantes, dinâmicas diferenciadas do objeto em análise, um “processo fisiológico de formação de um hábito” (PEIRCE, 1970, p.11).

Portanto, o processo indutivo é a percepção de fenômenos iguais em casos similares, que, em nosso caso de pesquisa, parte de um processo abduutivo inicial, ou seja de “algo distinto ao que observamos diretamente, e com frequência algo que nos seria impossível observar diretamente” (PEIRCE, 1970, p.10): a reconstrução do “católico” (não observável diretamente) a partir de interações comunicacionais em redes sociodigitais (observáveis diretamente).

Isso também passa pela classificação dos elementos que constituem o objeto de pesquisa, primeiro diferenciando-os e depois reagrupando-os segundo critérios previamente definidos, ou seja, *categorizando-os*. As categorias manifestam sua qualidade se forem: *mutuamente excludentes* (um mesmo elemento não deve existir em mais de uma divisão); *homogêneas* (coisas semelhantes em uma mesma divisão); *pertinentes* (categorias adequadas ao material de análise); *objetivas e fiéis* (divisões e categorias bem específicas); e *produtivas* (categorias que sejam férteis para novas inferências) (cf. BARDIN, 1977). Porém, como nos lembra Ferreira (2012, p.9), “as categorias (invariantes referenciais) devem ser tensionadas com novos indícios (o que pode resultar em novas categorias)”, pois “as categorias são móveis”. Essa “tensão categorial” deve ser mantida constantemente ativa ao longo dos processos de pesquisa, em humilde abertura ao “novo” que o mundo vivido sempre produz.

Os processos indutivos, portanto, nos ajudam a perceber o fenômeno não diretamente acessível. Diferentemente das ciências exatas, em que determinadas experiências são reproduzíveis em laboratório, nas ciências sociais isso se torna inviável, quando não impossível. Por isso, “quando as causas não são reproduzíveis, só resta inferi-las a partir dos efeitos” (GINZBURG, 1989, p.169). Assim, a partir dos indícios iniciais (da observação direta), introduz-se um ponto de vista teórico, concretizado em uma série de atos e gestos metodológicos, que possibilitam fazer inferências movidas por questões transversais. É o modelo epistemológico que Braga (2010) chama de “inferências abdutivas” (baseado em Peirce), ou que Ginzburg (1989) define como “paradigma indiciário”. Segundo Ginzburg (1989, p.177), “a existência de uma profunda conexão que explica os fenômenos superficiais é reforçada no próprio momento em que se afirma que um conhecimento direto de tal conexão não é possível. Se a realidade é opaca, existem zonas privilegiadas – sinais, indícios – que permitem decifrá-la”. Assim, minúsculas particularidades podem ser pistas para reconstruir grandes transformações.

Por fim, o processo indutivo envolve a inferência de uma regra geral: uma *interpretação*. Esta se apresenta também como a *episteme* do universo de relações diferentes e dispersas analisado. Ou seja, busca-se, justamente, “a regra que possa unificar essa dispersão de enunciados, e reuni-la numa formação discursiva, incluindo posições e

repetibilidade” (MARRE, 1999, p.28). É a operação de uma “*reductio ad unum* de uma pluralidade” (ECO, 1983, p.227). Constrói-se um sistema coerente de relações para dele se retirar “propriedades gerais ou invariantes que só se denunciam (revelam) mediante uma interrogação assim conduzida” (BOURDIEU apud MARRE, 1999, p.35).

Em nosso caso de pesquisa – ao percebermos que a sociedade em geral, nos mais diversos âmbitos da internet, *fala sobre* o “católico”, resignificando socialmente as crenças, as práticas e os discursos católicos via mídias –, estamos diante não de fatos individuais (ou microfenômenos), mas sim de aspectos gerais (macrofenômenos), que apontam para a “construção social coletiva [do religioso] a partir do processo de uma sociedade em estado de midiatização” (GOMES, 2011, p.11).

Abdutivamente, relacionando nosso caso específico analisado a um princípio geral (generalização), damos origem, discursiva e narrativamente em nosso texto, a uma interpretação (cf. FORD, 1999). Partimos de uma abdução inicial, frágil, para uma (ou mais) nova(s) abdução(ões), mais consistentes e sólidas, após a introdução de um ponto de vista teórico e a aplicação de técnicas metodológicas.

Fecha-se, dessa forma, momentaneamente, um ciclo abduutivo, pois, “assim como um problema é um conjunto de perguntas relacionadas, uma hipótese [abdução] é a relação entre diversas proposições que respondem às perguntas feitas” (FERREIRA, 2012, p.10). Essas proposições-respostas, por sua vez, geram novas perguntas, abrindo, consecutivamente, novos ciclos abdutivos.

Considerações finais

A busca de entendimento e explicação da organização da unidade complexa entre seres humanos em relação é o desafio de toda a pesquisa social. Entendemos o mundo cientificamente situando-o no contexto de um todo mais amplo, buscando compreender suas inter-relações. Neste artigo, buscamos compreender a pesquisa científica a partir de alguns movimentos metodológicos que possibilitam a construção de problema de pesquisa, como a dialética ascendente e descendente (MARRE, 1999); e os processos de dedução, indução e abdução (PEIRCE, 1970), partindo de nosso caso de pesquisa atual – a circulação e a reconstrução do “católico” no fluxo comunicacional das redes sociodigitais.

Todos esses movimentos, como vimos, são perpassados e transpassados por processos abdutivos. Se buscamos examinar como se dão os processos de circulação e reconstrução do “católico” no fluxo comunicacional das redes sociodigitais, vemos que a busca de respostas a essa indagação surge de um processo de *observação* (de observáveis empíricos), de *teorização* (construção de um objeto e de um problema de pesquisa), de *experimentação* (materialização teórica) mediante atos metodológicos de *interpretação* (análise científica), a modo de resposta, de uma *episteme* do universo de relações diferentes e dispersas analisado. Todos esses passos contêm processos

abdutivos, que possibilitam o “salto” para as etapas posteriores.

Como indicam Bonfantini & Proni (1983, p.146), o processo abdutivo, que perpassa toda a pesquisa, será ainda mais nítido e forte quando o resultado final for “uma *nova lei* teórica mais do que uma lei científica universalmente aceita”, pois, nesse caso, “a conclusão abdutiva é uma ‘ideia nova’ em termos absolutos: não é apenas a aplicação do princípio geral ao sujeito da investigação que é nova, também o princípio é novo”. Os processos dedutivos (ou dialética ascendente) extraem as consequências necessárias e verificáveis a partir da primeira hipótese; já os indutivos (ou dialética descendente) analisam experimentalmente a hipótese em uma determinada proporção de casos (cf. GÉNOVA apud NUBIOLA, 2009). A abdução, por sua vez, introduz novas ideias na ciência ao formular uma hipótese que, por meio de processos dedutivos e indutivos, deixa de ser inicial e frágil, e passa a ser uma “lei teórica”.

Isso não significa certeza total da validade dessa resposta, que será falível até prova ao contrário, ou seja, até o surgimento de uma nova “lei” teórica mais adequada. Nossa única certeza é de que o “nosso conhecimento nunca é absoluto, mas sempre flutua, por assim dizer, em um *continuum* de incerteza e indeterminação” (FANN apud ECO, 1983, p.241). O desafio da prática científica, contudo, é sempre “descobrir novas verdades, ainda que de modo aproximado e provisório” (BONFANTINI & PRONI, 1983, p.137).

Referências

BARDIN, Laurence. *A categorização*. In: _____. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977, pp.117-132.

BOFF, Leonardo. *A águia e a galinha: Uma metáfora da condição humana*. 49ª ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BONFANTINI, Massimo; PRONI, Giampaolo. *Suposição: Sim ou não? Eis a questão*. In: ECO, Umberto; SEBEEK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 1983, pp.131-148.

BRAGA, José Luiz. *Pesquisando perguntas (um programa de ação no desentranhamento do comunicacional)*. In: FAUSTO NETO, Antonio et al.(orgs). *Midiatização e processos sociais: Aspectos metodológicos*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2010, pp. 79-93.

ECO, Umberto. *Chifres, cascos, canelas: Algumas hipóteses acerca de três tipos de abdução*. In:

ECO, Umberto; SEBEEK, Thomas A. *O signo de três*. São Paulo: Perspectiva, 1983, pp.219-244.

FERREIRA, Jairo. *Estudo exploratório sobre a construção de hipóteses: entre o método e os contextos de produção*. *Líbero*, São Paulo, v. 14, p. 79-92, 2011. Disponível em: <<http://migre.me/f9s4p>>. Acesso em jun. 2013.

_____. *Os labirintos sobrepostos: uma hipótese sobre o método na pesquisa empírica*. No prelo, 2012.

FORD, Aníbal. *La exasperación del caso: Algunos problemas que plantea el creciente proceso de narrativización de la información de interés público*. In: _____. *La marca de la bestia: Identificación, desigualdades e infotretenimiento en la sociedad contemporánea*. Buenos Aires: Norma, 1999, pp.245-287.

GINZBURG, Carlo. *Sinais: Raízes de um paradigma indiciário*. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: Morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, pp.143-179.

GOMES, Pedro Gilberto. *A pergunta pela pergunta nos processos midiáticos*. No prelo, 2011.

MARRE, Jacques A. L. *A construção do objetivo científico na investigação empírica*. *Anais do Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná*. Cascavel: UNIOESTE, 1991.

MORIN, Edgar. *Da necessidade de um pensamento complexo*. In: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da (orgs.). *Para navegar no século XXI: Tecnologias do Imaginário e Cibercultura*. 3ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2003.

_____. *Introdução ao Pensamento Complexo*. 5ª ed. Lisboa: Instituto Piaget Editora, 2008.

NOVELLO, Mario. *Um pensamento que não recebe ordens*. *Revista IHU On-Line*, n. 402, set. 2009, disponível em <<http://migre.me/d9ogf>>. Acesso em dez. 2013.

NUBIOLA, Jaime. *La abducción o lógica de la sorpresa*. *Razón y Palabra*, Monterrey, n. 21, 2009. Disponível em: <<http://migre.me/f9s2d>>. Acesso em dez. 2013.

PEIRCE, Charles. *Deducción, inducción e hipótesis*. Tradução de Juan Martín Ruiz-Werner. In: RUIZ-WERNER, J. Martín. *Deducción, inducción e hipótesis*. Buenos Aires: Aguilar, 1970, pp. 65-90. Disponível em: <<http://migre.me/f9s39>>. Acesso em dez. 2013.

SBARDELOTTO, Moisés. *E o Verbo se fez bit: A comunicação e a experiência religiosas na internet*. Aparecida: Santuário, 2012.